

OS DOMÍNIOS DO MALIGNO E SEU COMBATE: NOTAS SOBRE ALGUMAS PERCEPÇÕES EVANGÉLICAS ATUAIS ACERCA DO MAL¹

Airton Luiz Jungblut (PUCRS)

Uma das principais palavras de ordem no meio evangélico nos últimos tempos tem sido “libertação”. O crente evangélico é exortado, por todos os cantos, a se libertar de uma série de coerções que sobre ele agiriam e a se engajar em batalhas contra diversos tipos de forças que, de distintas formas, obstacularizariam sua autonomia no mundo. Existem, inclusive, ministérios eclesiais e para-eclesiais especializados em evangelismo de libertação a difundir por toda a parte a necessidade desse tipo de “combate”. A libertação de que falam é, grosso modo, em relação a supostas forças espirituais que tornam o ser humano como que uma criatura teleguiada por Satanás, constrangida de todas as formas a realizar inconscientemente no mundo somente a vontade deste ente maligno. Mas é também uma libertação objetiva contra a pobreza, a doença e a infelicidade, tal como é colocado, muitas vezes, pelos pregadores da Teologia da Prosperidade ao tomarem estes infortúnios humanos como resultados mais visíveis das maquinacões de Satanás no mundo.

O interessante é que, freqüentemente, os apelos à libertação do tipo feito por pregadores dessa doutrina associam uma libertação de natureza espiritual a uma espécie de libertação dos constrangimentos materiais impostos aos indivíduos economicamente desprivilegiados, como, por exemplo, quando dizem: “liberte-se do aluguel, Deus quer te dar uma casa própria, ou liberte-se do seu chefe e do salário ridículo que você ganha, Deus quer que você seja o patrão e não precise mais trabalhar para os outros”. Assim, uma aliança com Deus e a

¹ Uma versão deste texto integra a Tese de Doutorado defendida por este autor junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Jungblut, 2000)

consequente libertação em relação às forças obstaculizadoras de Satanás produziriam não só uma libertação espiritual (sair da esfera de influência de Satanás), mas também uma libertação material ao dotar o indivíduo de poderes sociais que lhe garantiriam sair de uma situação de subalternidade para uma de dominância, ou seja, libertar-se dos constrangimentos sociais inerentes à pobreza, adquirir aquelas autonomias individuais permitidas pela dominância econômica.

A libertação de que se quer falar aqui ultrapassa, contudo, os usos mais vulgares que se faz dela nos templos neopentecostais, embora seja ali que esse termo adquira maior ressonância. O termo libertação é mencionado em diversos tipos de discurso e em várias áreas do universo evangélico podendo até ser utilizado para o combate à Teologia da Prosperidade. Basicamente, nomeia uma atitude de busca de purificação espiritual de pessoas, igrejas, coletividades, etnias, regiões geográficas, e até mesmo de países e continentes inteiros. Purificação que se busca a partir da decretação de um estado de guerra intransigente em relação às forças malignas que agiriam nestas diversas esferas. Por trás dessa forma mais geral de lidar com o tema libertação está erigida a Doutrina da Guerra Espiritual que vem a ser um corpo disperso de saberes, discursos teológicos, testemunhos missionários, cursos, manuais práticos, etc. que abordam, entre outras coisas, a natureza dos embates de libertação que os crentes evangélicos têm levado e devem, por obrigação religiosa, levar adiante contra as forças malignas que dominariam esse mundo.²

A expressão *Guerra Espiritual*, contudo, tal como o termo libertação, não está livre da ambigüidade conceitual que se produz na polifonia evangélica. Há, no entanto, algo que ela nomeia de forma quase consensual: um estado assumido de beligerância para com credos religiosos não cristãos, leia-se, não legitimamente evangélicos. Neles residiriam os maiores obstáculos construídos por Satanás para a libertação do indivíduo já que, além de se constituírem em formas assumidas de não confissão cristã – o que significa desaliança explícita

² Há vários livros sobre esse tema disponíveis nas livrarias evangélicas brasileiras. Ver, por exemplo: Lima (1997); Linhares (1992); Wagner (org.) (1990); Wagner & Pennoyer (1990).

com o Deus verdadeiro – o poder dos espíritos malignos a serviço de Satanás em relação aos seres humanos se daria de forma muito mais eficaz por meio dos vínculos mágico-religiosos possibilitados por esses credos. Os credos não cristãos seriam artimanhas pelas quais Satanás conseguiria ser cultuado se fazendo passar por Deus ou entidades espirituais do bem. Assim, trata-se de uma Guerra Espiritual que pretende libertar os espíritas de Satanás, libertando-os do espiritismo; que quer libertar o Japão do jugo de Satanás, libertando seus cidadãos do xintoísmo; e assim por diante. A fórmula é: só é livre quem está fora do controle de Satanás, só está fora do controle de Satanás quem é cristão, logo, toda a religião não cristã tem que receber combate como condição para que todos os indivíduos, etnias, países, etc, sejam livres.

É necessário relatar, porém, que uma única tolerância a uma etnia/religião não cristã também se manifesta na polifonia evangélica. Trata-se dos judeus que, além de serem tolerados em suas crenças religiosas não cristãs, são alvo de fascinação por parte de muitos evangélicos. O que parece mais fasciná-los em relação aos judeus é sua condição de *povo eleito*, a despeito de não considerarem Jesus Cristo como o messias prometido pelas profecias do Velho Testamento. Mesmo que muitos evangélicos também se considerem eleitos (fazendo parte, dizem, da Israel espiritual, a igreja invisível de Jesus Cristo), os judeus são tidos como um tipo especial de eleitos e, em algum sentido, superiores aos gentios, pois, segundo crêem, após aceitarem a Jesus como messias, desempenharão um papel fundamental nos últimos acontecimentos. Mais do que isso, alguns acham, invocando o Evangelho, que "a salvação vem dos judeus" (João 4:22), que são os judeus que Deus realmente quer salvar. Os gentios iriam como que de carona nessa salvação.

O interessante nessa crença é que através dela dá-se aos judeus uma espécie de licença para que eles não sejam, por hora, cristãos. Em outras palavras, por essa crença os judeus seriam os únicos autorizados pelas profecias bíblicas a não serem cristãos, e isso em consonância com a vontade de Deus. Já os demais seres humanos que não são legitimamente cristãos perdem, por conta disso, o direito à salvação. Dessa forma, só aos judeus é dado o direito de professar uma religião não-cristã sem serem considerados por isso pecadores, apóstatas,

idólatras, enganados por Satanás, etc. Todas as outras religiões, que não o cristianismo evangélico e o judaísmo, por não serem representantes da vontade divina no mundo, só devem ser consideradas, em essência, satânicas. Por conta dessa lógica, segundo um dos ministérios evangélicos especializados em tratar dos assuntos relacionados a Israel advogam que não se deve fazer evangelização entre os judeus.

Em se tratando de outras crenças religiosas, portanto, o que vigora é a percepção, estruturada em grande parte na doutrina da Guerra Espiritual, de que devem ser combatidas. Pela sua capacidade de servir de fundamento para uma ação missionária globalizante a partir de um agressivo evangelismo de libertação, essa percepção tem sido largamente utilizada por muitos missionários no mundo inteiro e acabou por produzir, através de algo como uma *práxis* missionária, uma espécie de sub-doutrina em relação à Doutrina da Guerra Espiritual mais geral: a Doutrina dos Espíritos Territoriais. Ela postula que a ação dos espíritos que serviriam a Satanás no mundo humano dar-se-ia a partir de uma lógica segundo a qual determinados demônios a ele submetidos, ou legiões deles, teriam um tipo de autoridade circunscrita à domínios geográficos precisos e neles agiriam de forma contextualizada, segundo as tradições histórico-culturais locais. Assim, é missão dos crentes que pretendem libertar determinado lugar da dominação satânica operar um mapeamento espiritual de cidades, países, regiões e até continentes, buscando identificar que tipos de entidades demoníacas ali dominam, e como essa dominação é mágico-ritualmente mantida. Trata-se de fazer um inventário – que pode até mesmo se valer de estudos históricos, arqueológicos e antropológicos – para buscar no passado e/ou no presente as causas de tais domínios demoníacos (Cf. Wagner, 1993: 18-22). Nesses inventários consideram-se coisas como: crenças e rituais locais que reatualizariam o domínio demoníaco, fatos históricos relacionados com a colonização de uma região ou a fundação de uma cidade que teriam contribuído para tal domínio, possível ligação dos líderes locais com práticas explicitamente satânicas, etc. A ação de libertação, diz-se, se quiser ser eficaz, deve estar embasada num quadro informativo o mais completo possível de que tipos de entidades malignas ali agem e através de que

elementos mágico-religiosos elas perpetuam seu domínio sobre o local.

Nesta doutrina, como se pode ver, está implícita uma noção de endemoniamento coletivo no qual o indivíduo não cristão, por residir em determinado lugar ou fazer parte de determinada coletividade (nação, etnia, etc.), não tem uma real autonomia, já que somente pode realizar a vontade dos demônios que dominam a região. Libertar um local geográfico ou coletividade de tais dominações demoníacas é uma tarefa que visa restituir alguma autonomia aos indivíduos dali, autonomia essa que só se realiza totalmente quando estes se tornam cristãos, vivem um novo nascimento, e, assim, tornam-se livres (ou mais resistentes), tanto em relação às coerções satânicas exercidas coletivamente, quanto das ações individualizadas exercidas por Satanás e seus demônios sobre a vida de cada um.

Mas se essa doutrina enfatiza um tipo de libertação geográfica e coletiva há também estratégias de Guerra Espiritual que buscam livrar especificamente o indivíduo de coerções satânicas. De um modo geral, orações ou mesmo exorcismos que visam rejeitar toda e qualquer influência satânica dirigida a um indivíduo específico tem essa intenção e isso quer se esteja ou não acionando princípios de Guerra Espiritual. Há, contudo, uma outra doutrina abrigada sob o princípio geral da Guerra Espiritual, que oferece uma estratégia precisa sobre como um indivíduo pode libertar-se de forma eficiente de coerções satânicas individualizadas. Trata-se da Doutrina das Maldições Hereditárias, que postula que os seres humanos, em geral, carregam consigo maldições satânicas que, passadas de geração em geração entre pais e filhos, lhes obrigam a seguir certas tendências psicológicas e comportamentais sem que se dêem conta das raízes espirituais dessas tendências e que estas maldições só podem ser efetivamente quebradas com ações religiosas específicas.³

³ Há que se relatar que foi o sociólogo Ricardo Mariano em sua Dissertação de Mestrado sobre o neopentecostalismo brasileiro quem primeira vez relatou nos meios acadêmicos brasileiros a existência dessas doutrinas tais como estamos nos referindo a elas aqui, ou seja, como percepções que possuem uma certa articulação discursiva consolidada e que se diferenciam de crenças evangélicas mais difusas e gerais (Mariano 1995).

Os especialistas e divulgadores dessa doutrina geralmente procuram demonstrar o alcance de tais maldições citando desvios de condutas, doenças hereditárias, incapacidade para a ascensão social, etc., que se verificariam por várias gerações numa mesma família como exemplos visíveis desse tipo de maldições. São comumente citados casos que teriam se verificado em várias gerações de uma mesma família, de propensão à vida criminosa, de mulheres com compulsão por sexo desregrado e inclinação para prostituição, de repetidas mortes trágicas em circunstâncias semelhantes, etc. Isso ocorreria porque Satanás e seus demônios teriam o direito de transferir hereditariamente as conseqüências de um ato de endemoniamento bem sucedido de um indivíduo para outro. Assim, se alguém, num determinado momento, cometeu um ato que possibilitou a Satanás ter controle e direitos sobre aquela vida, isso será transferido hereditariamente a todos os descendentes daquela pessoa e assim persistirá indefinidamente até que a maldição seja quebrada por um ou mais dos indivíduos dessa família. Libertar-se das maldições hereditárias ou quebrá-las é, então, restituir uma autonomia individual frente a um passado familiar; é conseguir impedir parcial ou definitivamente que as conseqüências do *endemoniamento* bem sucedido de um ancestral constriam o indivíduo a realizar a vontade de Satanás no presente e no futuro tanto desse indivíduo quanto de seus descendentes. Isso pode ser obtido por diversos meios: orações específicas, jejuns, retiros espirituais, etc. Mas diz-se que uma maldição só estará realmente quebrada se o indivíduo estiver completamente convertido, se tiver vivenciado um verdadeiro novo nascimento, e que só seus descendentes é que provarão os benefícios espirituais integrais de tal quebra de maldição.

Libertar-se de uma maldição hereditária, portanto, é libertar-se da coerção do passado familiar. Há, então, algo profundamente individualizante em sua intenção, pois se trata de impedir não só que Satanás tolha as liberdades do indivíduo constriando-o a realizar sua vontade, mas também que este indivíduo não tenha que pagar por uma dívida familiar, que não tenha que respeitar uma aliança mágico-religiosa consciente ou inconscientemente feita por outrem e sem o conhecimento dos termos e implicações dela para si. Trata-se,

igualmente, de uma libertação em relação ao passado, pois o que também está em questão é impedir que este se reproduza no presente e no futuro, estagnando o tempo, retirando do indivíduo a capacidade de agir autonomamente na história. Tem-se, então, que enquanto a Doutrina dos Espíritos Territoriais cumpre, como um corpo de princípios de libertação, uma função individualizante de natureza espacial-sincrônica, a Doutrina das Maldições Hereditárias cumpre uma função temporal-diacrônica. Ambas, por fim, definem a conversão, o novo nascimento, como ação mais eficiente para destituir Satanás do controle das vontades individuais, para promover uma eficiente libertação, e eis porque esse processo pode ser caracterizado como radicalmente individualizante em sua pretensão mágico-religiosa.

Referências bibliográficas

JUNGBLUT, Airton Luiz. *Nos chats do Senhor: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro*. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

LIMA, Delcyr de Souza. *Maldição hereditária: verdade ou falsidade*. São Paulo: Exudus, 1997.

LINHARES, Jorge. *Bênção e Maldição*. Belo Horizonte: Ed. Betânia, 1992.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.

WAGNER, C. Peter (org.). *Derrubando as fortalezas em sua cidade*. Mogi das Cruzes: Unilit, 1993.

WAGNER, C. Peter & PENNOYER, Douglas. *A luta contra os anjos do mal: para uma mais profunda compreensão das forças sobrenaturais na guerra espiritual*. Mogi das Cruzes: Unilit, 1990.